

PORTUGAIS

Commenter en portugais le texte suivant et le traduire de « A savana fugindo à volta. » jusqu'à la fin.

– Aristótare.

Atravessamos novamente o rio com o jipe. A vau. Desta vez é mais arriscado. É de noite, é talvez meia-noite. Dos dois ajudantes de Abel, vemos apenas o oscilar das pilhas com que nos sinalizam os baixos do rio. Da água, percebemos apenas o ruído dos rápidos. Da outra
5 margem, alcançamos apenas uma silhueta de copas contra o petróleo do céu.

Vamos chegar, é ali. Há horas que é ali. Devíamos ter chegado há dias, ali. Ali não há nada. Para onde fica ali? Que sentido faz? Nem sequer sabemos onde está aqui.

Trajectos de minutos e avarias mecânicas de horas. Atrasos onde caberia a Criação do Mundo e o descanso do verbo. O filtro. O radiador. «A Caixa.» A água. A tracção. As rodas.
10 Os furos. A ventoinha. O óleo. As fugas. O diabo insinuando-se em areia e ferrugem por todas as peças da viatura. Empurrar. Puxar. Esperar. Desesperar. Pensar: o desespero é o reflexo mais fútil nos caminhos sem apelo.

Minas à frente, atrás, à esquerda, à direita. Minas dentro de nós. Minas nos nossos olhos, adormecidos, exaustos, trémulos e preocupados, procurando manter-se acordados.
15 Procurando objectos de morte cuja característica é não se verem nunca – esperam a vida inteira e nascem apenas num segundo para morrer acompanhados no outro.

No segundo e último – o último segundo.

Andar de dia. Andar de noite. Comer fuba ou não comer nada. Poupar a última lata. Ferver chá colhido em arbustos. Cozinhar em panelas negras na terra lavrada pelos pneus.
20 Comer a última lata. Comer à mão em pratos de esmalte esborado. Imaginar água fresca. Salivar línguas de sal. Quebrar de frio uma hora depois da Lua. Abafar de calor uma hora depois do Sol.

Sonhar com uma cama.

Acordar com ratos.

25 Adormecer com susto.

Desprezar as lágrimas.

Evitar os cães.

Defecar à frente dos outros. Tomar banho nos rios, nadar na sesta dos crocodilos, fugir das cobras, secar o corpo com as mãos, colher os arrepios por fora dos ossos, vestir a pele de
30 roupa imunda. Vomitar o próprio cheiro. Dormir ao relento, dormir em alerta, em trânsito, em casas abandonadas, em colchões de palha e piolhos, em cobertores com buracos e sarna. Escutar o vento debaixo do divã. Ouvir as folhas que se riem quando arranham o cimento que não se levanta do chão.

«Perigo Minas.» Não tocar em nada, pisar na pegada, andar para trás rebobinando o
35 filme dos passos, os mesmos passos, exactamente, ou...

Cruzámo-nos ontem com duas palhotas. Até ao momento, ninguém mais passou pela nossa imobilidade. Localização possível: situam-se entre o rio e a sede dos bois. É esse o sítio. Não vem no mapa. Nós tão-pouco. Havia uma mãe e um filho. O filho não tinha cara. Em
bebé, quando ambos dormiam uma noite junto à fogueira – único recurso para manter as feras
40 ao largo dos homens –, o filho virou-se sobre as chamas. O fogo lambeu-lhe as feições com a violência do ácido.

Acho que ele me olhou atrás de uma árvore. Não tenho a certeza se estava virado para mim. Difícil: a criança não tem cabelo, tem uma casca uniforme e as pessoas, como as feras, inspiram-lhe pânico. Ele correu de mim.

45 A savana fugindo à volta.
 Vamos chegar. É já ali. Quando for, não importará mais.
 O rio roubando-me os lugares na sola dos pés.
 Mas é já ali.
 A selva à solta por dentro.

50 Abel e dois ajudantes. Eu e a minha sombra, o coronel Nunda, e a sombra dele, um ajudante-de-campo que viaja roto e descalço. O tenente-coronel Fogacho, o pendura, com o seu gravador Sharp. A sobrinha do brigadeiro-general Kalutotai. Uma carga de sacos de farinha e, deitados entre eles e o tejadilho do jipe, mais três pessoas, incluindo uma criança de colo. O meu caixote de víveres inúteis: bolachas, dois frascos de compota, um tinto do Cabo, um saquinho de sal.

55 Pilotamos o rio e a noite. Duas luzes acenam-nos cada vez de mais longe. Ou nós estamos cada vez mais longe das luzes. Os sinais confundem-se. Algo entre nós perde nitidez. A água entrou-nos nos pés. Entrou por eles. O bebé não parou de chorar. Tento manter-me acordado. O corpo cede. Qualquer ruído é simultaneamente um incómodo e um embalo.
60 Tento manter-me à tona, enquanto o rio e outra ladainha me arrastam para o afogamento inevitável. Vivemos por tentativas. O ajudante de Nunda tenta, em vão, pronunciar o nome que escolheu para o seu filho.

 – Aristótare... A-ris-tó-tare! Aristótare...

Pedro Rosa MENDES (1968-), *Baía dos Tigres*, 1999.